

TURISMO, TERRITÓRIO E CRISES SANITÁRIAS: UMA ANÁLISE CONCEITUAL E O REFLEXO NO ESTADO DO MARANHÃO

Saulo Ribeiro dos Santos¹

RESUMO

O turismo como campo de estudo, é relativamente recente, e umas das descobertas mais importantes para a Geografia. A partir dos estudos turísticos na perspectiva geográfica, é possível relacionar o turismo como atividade e fenômeno social com os conceitos e métodos geográficos, que levam a um processo de desenvolvimento e planejamento da atividade. Mediante tal aspecto, objetiva-se relacionar o conceito geográfico de território com a atividade turística e o comportamento da atividade frente as crises sanitárias e os polos turísticos do Maranhão. Para fundamentar a discussão sobre a Geografia, algumas importantes referências foram as obras de Claude Raffestin (1993), Milton Santos (1978; 1994; 1996), Rita de Cássia Ariza Cruz (2001;2002) e Rogério Haesbaert (2007). Os resultados conduzem à necessidade de mudanças no turismo, principalmente voltadas ao planejamento do território e ao incremento de protocolos de segurança sanitária.

Palavras chaves: Território. Turismo. Geografia

1. INTRODUÇÃO

O turismo é uma atividade de cunho econômico, porém com um viés social por se tratar de uma relação entre pessoas e promover o deslocamento do ser humano do seu local de origem para o local visitado. Assim, podemos afirmar que o turismo possui um campo multidisciplinar que necessita de uma ciência complexa e que atenda a essa demanda (Beni; Moesch, 2017). A geografia como ciência interdisciplinar tem contribuições a oferecer ao campo de estudo turístico como conceitos e fundamentação metodológica, pois, a geografia tem relação com a atividade turística para além de interesses econômicos, mas também sua importância social e cultural (Cruz, 2001).

Compreendendo que é no território que acontece a atividade turística, o local deve estar estruturado e preparado para atender o turista com qualidade, proporcionando uma experiência positiva como destaca Mendes Filho et al. (2017) no ciclo de vida (antes, durante e depois) da viagem de um turista.

Em decorrência de diversos aspectos, o mundo vem passando por transformações político-econômicas e institucionais, que conduzem a uma "multiterritorialidade", apropriada pelos constructos das subjetividades nos aspectos

¹ Professor do Departamento de Turismo da Universidade Federal do Maranhão e Secretário Municipal de Turismo da Prefeitura Municipal de São Luís/MA

culturais e simbólicos, logo carecem de uma melhor compreensão acerca dos processos e práticas que os envolvem ao longo de um *continuum* (Haesbaert, 2007).

Assim sendo, este artigo teve como principal objetivo relacionar um conceito fundamentalmente geográfico, o território, associando-o às práticas turísticas desenvolvidas nesses espaços, e travar uma discussão sobre o seu comportamento emergentes à crise sanitária do século XX e XXI. Para fundamentar a discussão sobre a Geografia, algumas importantes referências foram as obras de Claude Raffestin (1993), Milton Santos (1978; 1994; 1996), Rita de Cássia Ariza Cruz (2001;2002) e Rogério Haesbaert (2007).

2. BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DO TURISMO

O termo turismo teve sua origem no francês “*tour*”. Etimologicamente, a palavra *tour*, no idioma francês é derivada do latim *tornare* e do grego *tornos*, significando um giro ou um círculo. Ou ainda, o movimento ao redor de um ponto central ou eixo. O significado mudou no inglês moderno, passando a representar especificamente um giro (Barbosa, 2002).

No Ocidente Médio e no Egito, as viagens eram feitas por comerciantes que vendiam e transportavam seus produtos do local de origem até um mercado, ou, pelas populações forçadas a mudar devido à fome, às inundações e/ou guerras (Silva; Silva, 2012). Segundo os autores, os primeiros viajantes percorriam pelos desertos do Oriente Médio transportando mercadorias do Oriente ou dos vales férteis da Mesopotâmia e do rio Nilo. Outros viajantes ganharam o mar, navegando e expandindo o comércio, e, suas culturas por toda a região do mar Mediterrâneo, que acabaria por ser agregada ao Império Romano.

Silva e Silva (2012) discorrem que, durante o domínio romano, as viagens por motivos comerciais cresceram, assim como as viagens de lazer, onde cidades como Pompéia eram dedicadas às férias dos romanos. E, este crescimento das viagens de negócios e de lazer foi possível devido à três fatores: lei e ordem; meios de comunicação; disponibilidade de acomodação.

Segundo Silva e Silva (2012), ainda neste período, devido à queda do sistema imperial de Roma, as viagens diminuíram, devido às más condições das estradas (as

quais não eram mais reparadas), os aquedutos desmoronaram e o campo ficou infestado de ladrões. Com relação às viagens de peregrinação, sabe-se que, quando os barões e príncipes do continente europeu começaram a restabelecer a lei e a ordem, auxiliados pelo comando espiritual e moral da Igreja, as viagens recomeçaram.

Em adição, Theobald (2002) destaca que os viajantes vinham de todos os níveis da sociedade, e, portanto, criou-se assim, uma democracia da viagem, na qual se reuniam pessoas das mais diversas ocupações e origens. Uma vez que nessa época o nacionalismo era desconhecido, e, havia nas viagens uma verdadeira mescla de povos, que compartilhavam a acomodação em estalagens, onde, reuniam-se e comiam juntos em hospedarias do trajeto da viagem.

Neste contexto, Barbosa (2002), lembra que, as viagens culturais e de eventos, como o *Grand Tour* no século XVI, e a Reforma Protestante, dissipou a aura santificada dos templos para onde os peregrinos afluíam. Como as atrações sobrenaturais dos peregrinos acabaram, o espírito de averiguação da Renascença gerou interesse em conhecer o mundo. Desse modo, todos os tipos de estudos geravam grande interesse naquele período.

Já por volta da metade do século XVIII, o *Grand Tour* tornou-se comum entre a elite britânica, reunindo ao mesmo tempo prazer e instrução, constituindo o primeiro exemplo significativo de viagem de lazer em larga escala. Porém, seu propósito tradicional era educacional, voltado para visitas históricas e lugares culturais, observando ainda maneiras e costumes das nações estrangeiras. O caráter da própria excursão modificou-se, e do *Grand Tour* Clássico, com base em observações e registro neutro de galerias, museus e artefatos altamente culturais, passou-se para o *Grand Tour* Romântico, que presenciou a emergência do turismo voltado para a paisagem e de uma experiência muito mais particular e apaixonada da beleza e do sublime (Barbosa, 2002).

Após estes acontecimentos que marcaram a evolução do turismo, o setor foi se ampliando, e alcançando novos conceitos e configurações, que na visão de Rodrigues (1999, p. 17) o turismo é “incontestavelmente, um fenômeno econômico, político, social e cultural dos mais expressivos das sociedades ditas pós-industriais”.

O turismo após a Segunda Guerra Mundial avançou globalmente, com pujança econômica e sociocultural. Ao final desta guerra, após os países se reerguerem, se estruturarem e voltarem gradativamente às relações políticas e retornarem aos tratados,

a atividade turística voltou a se desenvolver e avançou economicamente para diversos países (fonte).

Após este período o crescimento da atividade turística no mundo foi crescente em todos os continentes, o que motivou também a criação da ONU Turismo que é responsável pela promoção do turismo responsável, sustentável e universalmente acessível (ONU Turismo, 2025). O turismo ganhou força e a partir daí se tornou um importante setor de transações econômicas, sociais e políticas, pois, os países aos poucos foram se reestabelecendo, se reconstruindo e retornando as importantes ligações políticas; e, isso propiciou o desenvolvimento de grandes intercâmbios socioculturais entre o globo (ONU Turismo, 2025).

O conceito base do turismo passa de “atividades realizadas por pessoas que viajam e permanecem em locais fora do seu ambiente habitual por um período que pode variar de algumas horas a um ano, com finalidades diversas” para algo mais complexo, trazendo na definição termos como sustentabilidade, acessibilidade, inteligência, gestão, autenticidade, regenerativo, responsável, comunitário (ONU Turismo, 2025).

Sendo assim, o ato de viajar sempre esteve presente na vida do ser humano, seja referente às conquistas de territórios, à subjugação de povos, ou para transações comerciais, ou por questões de saúde, ou para pesquisas científicas ou ainda para conhecer novas paisagens, culturas e idiomas. Porém, com as mudanças das necessidades, desejos e preferências, o mercado foi moldando e identificando novas oportunidades, específicas de acordo as especificidades e comportamentos o que tem gerado novos impulsos, segmentos, tipologias e fomentos no setor do turismo (Barbosa, 2024).

3. GEOGRAFIA E TURISMO: ASPECTOS INTRODUTÓRIOS

O turismo é um campo de estudo recentemente descoberto e analisado por diversas ciências capazes de abranger sua multidisciplinariedade, com o objetivo de melhor compreender a diversidade dessa atividade, e, dentre as ciências, tem-se a Geografia quanto ciência interdisciplinar, que contribui com os estudos voltados a questões de espaço, território, lugar e paisagem (Silva, 2012). Destaca-se que o interesse da Geografia no estudo do Turismo reflete a relevância social, política, cultural

e econômica que esta atividade ganhou nos últimos tempos, principalmente, em termos de expansão territorial e fluxos de pessoas (ONU Turismo, 2025).

Na visão de Fontoura e Andrade (2008) e Barros et al. (2020) é possível relacionar o turismo com conceitos inerentes do saber geográfico, focalizando-se nas reflexões sobre turismo e território, incluindo as apreciações necessárias para as discussões envolvendo as territorialidades do turismo.

Partindo da concepção de espaço geográfico, este é resultado da interação entre homem e natureza, dessa forma a produção do espaço se dá a partir da interação social entre indivíduos com o meio. Portanto, o este deve ser pensado como a forma de organização da produção e da sociedade, ou seja, ele é a manifestação concreta das relações sociais entre o ser humano e o ambiente. Assim, quando o meio ambiente é transformado pelo trabalho humano, tem-se a formação do espaço (Santos, 1978).

A produção do espaço carrega diversas características a partir do perfil dos grupos sociais que ocupam determinado lugar e o ambiente. O conceito de espaço é central e compreendido como um conjunto de formas representativas de relações sociais do passado e do presente e por uma estrutura representada por relações que estão acontecendo e manifestam-se através de processos e funções. “O espaço é um verdadeiro campo de forças cuja formação é desigual. Eis a razão pela qual a evolução espacial não se apresenta de igual forma em todos os lugares” (Santos, 1978, p.122).

Desta forma, o espaço para além de instância social, tende a reproduzir uma estrutura correspondente a organização realizada pelo homem. É também uma instância subordinada a totalidade, que porém possui uma certa autonomia, que se manifestam através das próprias leis. Portanto o espaço social organizado corresponde a uma forma resultante de interação de diferentes variáveis, que corresponde ao espaço humano. O espaço geográfico é organizado pelo ser humano, “[...] organizado por homens e mulheres [...]” vivendo em sociedade e, cada sociedade, historicamente, produz seu espaço como lugar de sua própria reprodução como afirma Milton Santos (1978, p. 189):

É possível perceber a diferenciação entre território e espaço. “a utilização do território pelo povo cria o espaço”; imutável em seus limites e apresentando mudanças ao longo da história, o território antecede o espaço. Já o espaço geográfico é mais amplo e complexo, entendido como um sistema indissociável de sistemas de objetos e ações, em que a instância social é uma expressão concreta e histórica. O território é um conceito subjacente em sua elaboração teórico-metodológica e representa um dado fixo, delimitado, uma área.

Os estudos voltados ao Turismo abordado pela Geografia se remete a aplicação dos métodos, técnicas e teorias da Geografia como ciência para a compreensão do fenômeno turístico; nesta perspectiva, o que se sobressai é uma leitura geográfica sobre o turismo levando em consideração vários atributos como: naturais, físicos, econômicos, políticos, sociais, culturais do espaço, que em interação formam um território com características particulares voltadas para o turismo, assim:

O turismo, tal como outras atividades – e concorrendo com elas – introduz no espaço objetos definidos pela possibilidade de permitir o desenvolvimento da atividade. Além disso, objetos preexistentes em dado espaço podem ser igualmente absorvidos pelo e para o turismo, tendo seu significado alterado para atender a uma nova demanda de uso, a demanda de uso turístico (Cruz, 2001, p.12).

Dessa forma, como afirma Cruz (2001), o turismo é um importante fator, que isoladamente ou em conjunto com outros elementos que compõe o espaço, produz um território visível, com características próprias, bem delimitado, que atualmente surgem com força em diversas partes do globo. Ademais:

Desde um ponto de vista geográfico, o que fundamentalmente interessa não é tanto a estrutura econômica de um dado território, mas sim o papel do espaço, na medida em que toda atividade social, e por consequência toda atividade econômica, necessita, imprescindivelmente de uma base territorial na qual possa desenvolver-se. Importa, portanto, considerar a base territorial da atividade turística. (Sanchez, 1991, p. 220).

Partindo dessa afirmativa, a Geografia ela fundamentalmente se interessa para além dos benefícios econômicos que esta atividade proporciona as comunidades, mas como esta atua na (re)configuração do espaço, de forma que influencia no âmbito social, cultural e espacial dos lugares; desta forma o turismo se configura como prática que consome elementarmente o espaço e depende do mesmo para o seu desenvolvimento e manutenção, portanto, o olhar do Geógrafo é elementar para os estudos voltados ao turismo.

4. TURISMO E AS RELAÇÕES COM O TERRITÓRIO

Na visão geográfica, relacionar o turismo com território é incluir as discussões envolvendo o turismo e as territorialidades. Ou seja, o território é caracterizado por ser um espaço bem delimitado, construído por relações de poder, que envolve vários atores que promovem e territorializam suas ações com o passar do tempo. Entretanto, a

delimitação pode não ser de maneira precisa, podendo ser irregular e mudar durante o passar da história, bem como uma diversificação das relações sociais em um esquema de poder complexo (Haesbaert, 2007).

Na visão de Santos (1978, p. 189), a diferença entre território e espaço está na “utilização do território pelo povo que cria o espaço”, imutável em seus limites e apresentando mudanças ao longo da história, o território antecede o espaço. O espaço geográfico é mais amplo e complexo, entendido como um sistema indissociável de sistemas de objetos e ações, em que o social é uma expressão concreta histórica. Assim:

O território é um conceito subjacente em sua elaboração teórico-metodológica e representa um dado fixo, delimitado, uma área. É importante notar que, se entendermos o território apenas como uma área delimitada e constituída pelas relações de poder do Estado, consoante se entende na geografia, estaríamos desconsiderando diferentes formas de enfocar o seu uso, as quais não engessam a sua compreensão, mas a torna mais complexa por envolver uma análise que leva em consideração muitos atores e muitas relações sociais (Saquet; Silva, 2008, p.09).

O território se repete como um conceito subjacente que protagoniza um cenário, onde o capitalismo prolifera enquanto o estado empobrece, onde este, perde sua capacidade para criar serviços sociais, sendo assim ocorre uma apropriação de mais-valia, desvalorização dos recursos controlados pelo estado e a supervalorização dos recursos destinados a grandes empresas, principalmente em países periféricos. O território é o cenário da proliferação do capital, sendo este, o espaço apropriado pelos agentes do capital através dos parâmetros sociais advindos da divisão do trabalho (Raffestin, 1993).

O território não necessariamente se apresenta como forma definitiva e organizada do espaço, entretanto, há características que permitem associar que o território corresponde ao cenário onde as atividades se realizam, a partir da herança cultural do povo que o ocupa; este também é, uma fração do espaço local associado ao global. Para Santos (1996, p.51):

A configuração territorial é dada pelo conjunto formado pelos sistemas naturais existentes em um dado país ou numa dada área e pelos acréscimos que os homens super impuseram a esses sistemas naturais. A configuração territorial não é o espaço, já que sua realidade vem de sua materialidade, enquanto o espaço reúne a materialidade e a vida que a anima.

A abordagem geográfica territorial do turismo fornece contribuição para uma compreensão do processo de produção e (re)organização do espaço, assim como uma

análise dos impactos sociais, econômicos e ambientais que possam ser produto territorial. Ao se realizar a abordagem territorial do turismo, torna-se necessário incluir as relações de poder estabelecidas pelo fenômeno, este aspecto torna evidente que o território se forma a partir do espaço, sendo resultado de uma ação conduzida por atores sociais, ao se apropriar do espaço, concreta ou abstratamente, o ator estabelece relações de poder e nesta fluidez territorializa o espaço onde se projetaram suas ações. Assim sendo:

Um campo de forças, uma teia ou rede de relações sociais que, a partir de uma complexidade interna, define, ao mesmo tempo, um limite, uma alteridade: a diferença entre o ‘nós’ (o grupo, os membros da coletividade ou ‘comunidade’, (os *insiders*) e os ‘outros’ (os de fora, os estranhos, os *outsiders*) (Souza, 1995, p. 86).

Essa complexidade conceitual pode ser referenciada através do turismo, evidenciada através de claras relações de poder estabelecidas pelos *insiders* e *outsiders* em um destino ou atrativo e por meio da desconstrução territorial apresentada em destinos eminentemente sazonais. Andrade e Fontoura (2008, p. 09) Em sua análise tem-se a discussão acerca da territorialidade sedentária dos visitantes frequentes e a territorialidade nômade dos que só passam pelo local. Em ambas as situações se vê a necessidade de apropriação do território, “mesmo fugidamente, por parte daqueles que o frequentam” (Andrade; Fontoura, 2008, p.09).

Desta forma é perceptível a relação entre o turismo, espaço e território depende fundamentalmente dos fluxos e fixos, ou seja, estrutura composta pelos equipamentos turísticos e mobilidade provisória do indivíduo de seu território original, o que gera uma desterritorialização e criando um território em outro lugar, território turístico. Este fluxo de experiências e informações trazidas pelo turismo promove interações espaciais que influencia o modo de organização espacial e de ordenamento territorial do local.

No contexto atual, o turismo deixou de ser um passivo usuário do território, para se tornar um agente ativo e condicionador de seu próprio ordenamento territorial.

A crescente importância do turismo na dimensão econômica é um fator destacado em todos os níveis de gestão da atividade, desde a ONU Turismo e a *World Travel & Tourism Council* (WTTC) até os governos nacionais, estaduais e municipais interessados no desenvolvimento turístico de suas regiões (ONU Turismo, 2025).

Desta forma, o turismo passou a ser caracterizado como agente transformador e consumidor do lugar, por atuar de forma imperativa, incrementando a utilização de equipamentos turísticos, sendo estes o atrativo e fixidez dos produtos, e isso é resultado do deslocamento do consumidor até o produto. Como destaca Cruz (2000) essa fixidez orienta a lógica dessa organização do território do turismo, sempre destacando que a demanda é externa, fundamentada elementarmente em componente externo.

A apropriação dos territórios pelo turismo é intermediada por inúmeras forças de consumo, destacando-se além das estruturais, o setor de agenciamento, serviços bancários e comércio. O consumo dos territórios pelo turismo envolve o consumo de um conjunto indissociável de bens e serviços que compõe essa atividade, ou seja, o ato de praticar turismo em termos de objetos e ações envolvidos (CRUZ, 2000).

São várias as particularidades que se caracteriza a relação entre território e turismo quanto a produção e consumo de território pelo turismo; umas dessas particularidades está no fato, que o espaço é principal consumo dessa atividade. Este processo de transformação do espaço em território turístico requer uma adequação de um determinado espaço a sua recente funcionalidade, e nesta adequação consiste na criação do sistema de objetos.

O território responde por um espaço funcional, apropriado por agentes sociais, que lhe atribuem características para determinadas funções da demanda do momento histórico de determinada sociedade. Sendo nesse sentido Knafou (1999) que se refere ao espaço funcionalizado pelo turismo como território turístico, dessa forma este apresenta três classificações, são essas: os territórios sem turismo, turismo sem território e territórios turísticos.

Ao se fazer a definição de territórios sem turismo, Knafou (1999) apresenta territórios onde o turismo ainda não chegou, seja por questões de infraestrutura ou difícil acesso, pois, para se ter o desenvolvimento da atividade é necessário ter acesso a serviços básicos como saneamento, iluminação, asfalto, sinalização, entre outros, os quais sem a existência destes elementos esses territórios ficam cada vez mais isolados.

O turismo sem território são pontos, atrações criadas exclusivamente para a atividade turística, onde ele não tem ligação direta com a gênese espacial local, sendo estes parques temáticos, resorts entre outros. Territórios turísticos, são territórios que antecedem a chegada do turismo, porém a atividade foi desenvolvida como, por exemplo, o turismo de cidades históricas etc.

A turistificação é conceituada como o processo de implantação, implementação e/ou de apoio da atividade turística em territórios turísticos, ou com potencialidade para o turismo. Pelarim (2013) traz importantes contribuições sobre os agentes de turistificação no território, ela apresenta os principais influentes, sendo, em primeiro lugar os turistas, que são grandes consumidores do espaço, e, em seguida, o mercado que é quem gerencia e coordena a sazonalidade, e, o uso dos lugares turísticos. Depois, tem-se os agentes do mercado que podem selecionar o tipo de visitante que aquela localidade tem condições de receber, e, por fim, planejadores e promotores territoriais (secretarias, agências, bancos de desenvolvimento regional, nacional, municipal e empresas de planejamento territorial) (Fratucci, 2014 ; Pelarim, 2013).

Sendo assim, o turismo enquanto fenômeno socioespacial se apropria do espaço, auxilia na produção de territórios, move territorialidades, em um conjunto natural e cultural, no qual inicia o fluxo de pessoas até ele. Nesse mesmo sentido, compreender seu papel no ordenamento e reordenamento de territórios, requer análise de diversas variáveis que compõem as relações socioespaciais no qual o turismo está inserido, incluindo questões sanitárias que afetam diretamente o território turístico.

5. CRISES SANITÁRIAS E A ATIVIDADE TURÍSTICA

Sobre a história da saúde pública, compreende-se que as crises sanitárias, entre outros problemas de saúde da humanidade vinculam-se a organização comunitária e a estrutura social desenvolvida. Desta forma, é possível afirmar como a organização e produção do espaço está diretamente ligada ao desenvolvimento ou agravamento de doenças e surtos epidêmicos (Carvalho et al., 2021).

Nesse contexto é importante salientar como a organização do território está envolvida no agravamento de doenças. Isso ocorre devido às desigualdades sociais e econômicas existentes nos mais diversos espaços; tendo em vista o surgimento de um vírus, é recorrente se estudar cautelosamente como as precariedades das condições de vida humana agravam para os mais vulneráveis (Carvalho et al., 2021). A questão do combate a epidemias e pandemias ligadas aos aspectos sanitários surgiram a partir do século XVIII e XIX, pois, os estudos desenvolvidos nestes períodos foram o início sobre vinculação entre o combate às doenças e questões de higiene (Barata, 2000).

No Brasil, o período de 1900 a 1930 foi marcado por grandes fluxos migratórios, grandes cidades começaram a surgir como espaços para novas possibilidades de vida, atraindo imigrantes insatisfeitos com as formas de trabalho nas fazendas de café. A maior parte desses trabalhadores migravam na tentativa de fugir das epidemias de febre amarela e varíola que acometiam de maneira destruidora muitas cidades do interior. Na última década do século XIX, e, a primeira do século XX, começou a ter as atenções das autoridades sanitárias voltadas para a resolução das formas de transmissão e controle dessas doenças (Barata, 2000).

Neste mesmo período eclodia a I Grande Guerra Mundial (1914 – 1918), que interferiu na dinâmica econômica do mundo todo, indiretamente ou diretamente, dessa forma, o mundo se encontrava envolto em uma crise política, social e econômica, fechando as relações sociais e diplomáticas entre os países para qualquer tipo de atividade para além dos interesses no conflito, ou seja, o turismo estava fora de questão neste período (Barata, 2000).

As formas como se deram a ocupação de espaços agrários e urbanos, determinaram condições favoráveis para a ocorrência de doenças, principalmente as transmitidas por vetores e de veiculação hídrica e doenças respiratórias. Dentre as doenças nesse período se destacam febre amarela, malária, leishmanioses, doença de chagas, e, a gripe espanhola. Ou seja, a vivência e aglomerados na urbe contribuíam para a disseminação dessas doenças, pois, a precária infraestrutura nas cidades europeias (principalmente) tornara-se fator de proliferação destas doenças (Barata, 2000).

Em adição, tem-se o período de 1930 a 1945 que foi marcado por diversas crises; entre elas, a crise econômica de 1929, onde diversas indústrias foram desativadas, e, demissões tornaram-se rotineiras, além da redução dos salários em até 50% do seu valor, o que agravou as precárias condições de vida do trabalhador proletariado urbano (Barata, 2000).

As problemáticas urbanas se acumulavam e ganharam destaque nas lutas populares na questão de moradia, falta de água potável, carestia e o constante crescimento da inflação. A questão sanitária em relação às doenças epidêmicas e endêmicas permaneceram praticamente sem alterações. Aquelas mesmas doenças presentes no período passado permaneciam nesta época, porém, agregadas a elas a

emergência de novos problemas ou antigos, por outro lado, em nova roupagem (Carvalho et al., 2021).

Na década de 1930 tem-se os primeiros relatos de casos de leptospirose, embora a doença fosse conhecida desde 1910, porém, ela ainda não havia sido registrada; as precárias ou inexistentes condições de saneamento e a recorrente presença de ratos possibilitaram o surgimento de casos, e, a partir desse momento os surtos foram frequentes nos meses de verão (Barata, 2000).

A febre amarela que estava sem registro desde 1906, volta a ocorrer sob nova forma silvestre, ou seja, na ausência do vetor urbano. Os casos começaram a aparecer em novembro de 1935, na divisa dos estados de Minas Gerais e Goiás, e, todos em novas áreas de ocupação. A leishmaniose que havia provocado surtos em áreas de desmatamento aparece na capital produzindo casos periurbanos e suburbanos. Nas áreas urbanas, principalmente nas cidades de grande porte continuavam ocorrendo casos de difteria, meningite, sarampo, febre tifoide, tuberculose, e, um novo perigo a saúde que se tornaria muito presente no período seguinte, o aparecimento de poliomielite (Barata, 2000). Não obstante:

A política de livre importação tem como principais efeitos o esgotamento das divisas acumuladas durante o período de guerra e a estagnação da indústria nacional. A desvalorização do cruzeiro provoca maciças entradas de capital estrangeiro, mas aumenta a inflação piorando as condições de vida das massas urbanas. Entre 1945 e 1964 o processo de industrialização vive momentos decisivos na substituição das importações passando a produzir bens de consumo duráveis e bens de capita (Barata, 2000, p.05).

A urbanização acelerada decorre de um duplo movimento: o aumento da oferta de empregos nas indústrias e a transformação do trabalho no campo com a destruição do sistema de "colonato" e o surgimento do trabalhador volante ou "boia-fria" que deixa de residir nas fazendas vindo ampliar as periferias dos núcleos urbanos. A ocupação agrícola e/ou industrial do solo vai transformando as condições de proliferação dessas doenças, tornando o risco de transmissão menos presente (Barata, 2000). Tanto que em 1950 ocorre a última epidemia de malária significativa, onde:

A década de 1950 marca o surgimento das grandes epidemias de poliomielite. Com o progressivo saneamento básico dos bairros intermediários e periféricos da cidade, as crianças deixavam de estar expostas aos poliovírus desde a idade pré-escolar tornando-se especialmente vulneráveis ao contágio durante as férias de verão, em idades mais avançadas, o que aumentava o risco de aparecimento de formas paralíticas. Assim, contraditoriamente, o saneamento

básico, numa época em que não existiam as vacinas, tornava o surgimento de casos paralíticos mais frequentes. (Barata, 2000, p.06).

Em 1962 a inflação chega a 52% ao ano a população majoritariamente urbana; os problemas de residência, educação básica, saúde e saneamento e transporte urbano só se agravaram. A mudança de economia agrícola para outra industrial é acompanhada na questão sanitária pelo crescimento de doenças ligadas as questões de padrão de vida urbano. Entre os anos de 1965 a 1984, além das epidemias já mencionadas, o período é marcado por diversos surtos de febre tifoide e pela persistência de casos de poliomielite, difteria, sarampo, e outras doenças infecciosas da infância (Barata, 2000).

Com o licenciamento da vacina Salk e em seguida da vacina Sabin o interesse pelo controle da poliomielite aumentou e a Secretaria de Estado da Saúde iniciou, em 1969, a realização de campanhas bianuais de imunização dos menores de 4 anos visando ao controle da doença além de intensificar esforços para aumentar a cobertura vacinal dos menores de 1 ano na imunização de rotina (Barata, 2000, p.09).

Já entre 1985 a 1999, o sarampo, doença com uma das maiores taxas de infectividade e patogenicidade conhecidas ficou bastante recorrente nesse período. No decorrer desse contexto histórico das doenças endêmicas e epidêmicas no Brasil e no mundo, o turismo não teve grande relevância econômica nem social, tendo em vista os surgimentos de doenças e da ocorrência das duas grandes guerras mundiais (Barata, 2000).

Somente após a Segunda Guerra Mundial, foi que a atividade turística ganhou força como atividade econômica, logo após os países retornarem os laços políticos, tratados e estreitarem acordos políticos, é que o turismo retorna ao cenário mundial. Quanto a este crescimento do turismo, Silva (2012) apresenta dados trazendo uma linha ascendente forte até 2001, quando ocorreram os atentados terroristas nos Estados Unidos, e, então há uma quebra nesta ascensão.

Em 2002, os números voltam a crescer, mas, 2003 apresentou forte queda devido, principalmente, às síndromes respiratórias agudas graves (SARS), como a gripe do frango o continente asiático. O primeiro surto registrado de infecção humana foi em 1997, na cidade de Hong Kong (China), consequência da contaminação pela estirpe H5N1. Neste, ocorreram 6 mortes e 18 hospitalizações. Em todos os casos conhecidos, a transmissão se deu através do ar, água, alimentos e roupas contaminadas, por meio de secreções infectadas pelo vírus, o surto dessa doença se deu em 2003 (Andrade et al.,

2009). No entanto, contornada esta barreira, o crescimento já se mostra em ascensão novamente conforme apresenta-se na tabela 1.

Tabela 1: Dinâmica econômica da atividade turística (1965 – 2010)

ANOS	TURISTAS (Milhões)	ANOS	RECEITA (Bilhões de US\$)
1965	112,9	1965	11,6
1970	165,8	1970	17,9
1975	222,3	1975	40,7
1980	286,1	1980	102,4
1985	327,2	1985	116,2
1990	441,2	1990	230,6
1995	538,1	1995	399,0
2000	680,6	2000	460,1
2005	802,5	2005	679,5
2006	861,1	2006	723,9
2007	902,6	2007	858,6
2008	919,9	2008	941,9
2009	885,3	2009	852,5
2010	907,9	2010	889,6

Fonte: OMT, 2010 apud Silva (2012, p.52).

Em 2009, houve outra queda na atividade turística devido o surgimento da gripe suína, a H1N1 (Influenza- A). Em abril de 2009, a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarava pandemia de gripe A H1N1 mundial. O surto global caracterizou-se por uma variante de gripe suína cujos primeiros casos ocorreram no México, em meados do mês de março de 2009 (Andrade et al., 2009).

Nos primeiros registros de contaminação pelo vírus, o mundo entrava em alerta com a repercussão do surto da doença em diversos países, inclusive no Brasil. Acreditava-se que poderia ser a pior epidemia desde o século XIX. Essa foi a primeira emergência pública de importância mundial declarada pela OMS, e, foi um momento em que se botou em prática as novas normas de regulação sanitária internacional, ferramenta para ajudar a comunidade internacional a prevenir grandes riscos de saúde pública (Andrade et al., 2009).

A H1N1, foi a primeira epidemia marcante no século XXI, pois foi necessária reaver medidas de segurança sanitária; além disso, com a globalização marcante no século XXI esta foi a primeira pandemia a ter rápido alcance mundial, devido às relações existentes entre os territórios, além das tecnologias de transporte. Mas, logo após a crise da H1N1, o turismo voltou a crescer economicamente. E, em 2019 ocorreu um novo surgimento de

outra pandemia com proporções maiores que foi ocasionada pela covid-19 (SARS COV-2) (SILVA et al., 2021).

6. TURISMO E A SARS-COV 19 (COVID-19) EM 2020 E OS IMPACTOS ESPERADOS PARA O FUTURO DA ATIVIDADE

A covid-19 é um vírus da família *Coronaviridae*, e esta causa uma variedade de doenças no homem, especialmente no trato respiratório. O primeiro caso oficial da covid-19 foi de um paciente hospitalizado dia 12 de dezembro de 2019 na cidade chinesa de Wuhan. Mas pesquisas, e, estudos retrospectivos, detectaram um caso clínico com sintomas da doença em 01/12/2019. Em dezembro de 2019, deu-se início um surto que atingiu cerca de 50 pessoas na referida cidade, e, em 11 de março de 2020 a OMS declarou pandemia, o surto de covid-19, até 17 de julho de 2020, e, pelo menos 13.740.727 casos da doença foram confirmados em pelo menos 188 países e territórios (Oliveira; Moraes, 2020).

Em abril de 2020, foi regulamentado pelo OMS o distanciamento social como medida de segurança de saúde pública, e a limitação de viagens e transportes, além de protocolos de higiene para os locais de aglomeração, como aeroportos, entre outros transportes de pessoas com potencial para a disseminação do vírus (Silva et al., 2021).

Com o surgimento da pandemia, há um enfraquecimento do sistema econômico global, impedindo grandes contingentes de trabalhadores de realizarem suas atividades produtivas; e, superar este imenso problema de saúde pública é, então, questão de sobrevivência para os mercados locais, regionais e globais (Silva et al., 2021).

No meio desta pandemia, tem-se um dos mais importantes setores econômicos mundiais, que é o turismo, um fenômeno social, ligado diretamente relacionado com o deslocamento das pessoas, e, com a busca por novas experiências e às mais diversas motivações. É um segmento econômico, globalizado e interdisciplinar, o qual mantém uma estreita relação com o território, logo, reflete em sua dinâmica as influências advindas dos mais diversos cenários, internos e externos (Silva et al., 2021).

Para além dessas afirmações, o turismo está ligado não somente, mas principalmente ao lazer, e, dessa forma, em momentos de crise sanitária, este vem a ser

o primeiro setor a ser impactado. Com a covid-19 não foi diferente; a atividade turística, que representava em média 10,3% do PIB mundial WTTC (2020) passou por profundas transformações, e mais uma vez apresentou resiliência e poder de adaptação frente ao novo “normal”. Pois:

O setor de turismo [...] será um dos setores mais afetados pelo Covid-19, bem como o que levará mais tempo para se recuperar. Segundo o autor, quando confrontado a outros setores da economia, como indústria, comércio e serviços, o turismo vinha sendo o setor que mais se aproximava do desempenho econômico que existia antes da última grande crise econômica (2015) (Roeder et al., 2020, p.01)

É necessário avaliar os dados do setor, pois, a receita do turismo no Brasil teve uma queda de 16,7% em 2020 em comparação ao mesmo período do ano de 2019, apresentado uma perda parcialmente de R\$ 2,2 bilhões de reais. As ações de estratégia ao nível global, que foram deliberadas pelos governos para desacelerar o avanço da covid-19, como o fechamento de fronteiras realizado em diversos países, refletiram diretamente no deslocamento de passageiros, não só no Brasil, mas no mundo todo (Salgado et al., 2020).

Mesmo com estratégias econômicas emergentes, a diminuição do número de passageiros refletiu severos prejuízos a atividade turística. Dados da FGV (2020) mostram que o “setor deve se recuperar no período de médio prazo, mas para tanto precisará apresentar um crescimento de aproximadamente 17% nos anos de 2022 e 2023, recuperando assim as perdas econômicas provocadas pela crise do Covid-19” (Roeder et al., 2020, p.02).

As medidas restritivas de contenção adotadas pelos países, serviram para a prevenção e inibição do avanço da pandemia do covid-19, e impuseram o distanciamento e isolamento social como medidas de segurança a saúde pública. As atividades sociais devem continuar em observância quanto as recomendações da Organização Mundial de Saúde, Ministério da Saúde e decretos estaduais e municipais por tempo indeterminado, a fim de evitar aglomerações de pessoas, principalmente em função de atividades não essenciais a primeiro momento (Silva et al., 2021). Uma verdade se faz certa, ninguém sabe ao certo quando tudo voltará a normalidade, ou teremos o novo normal pós pandemia.

Partindo desse cenário de incertezas, o que se sabe é que haverá necessidades de mudanças comportamentais dos turistas e do perfil de consumo dos mesmos; as

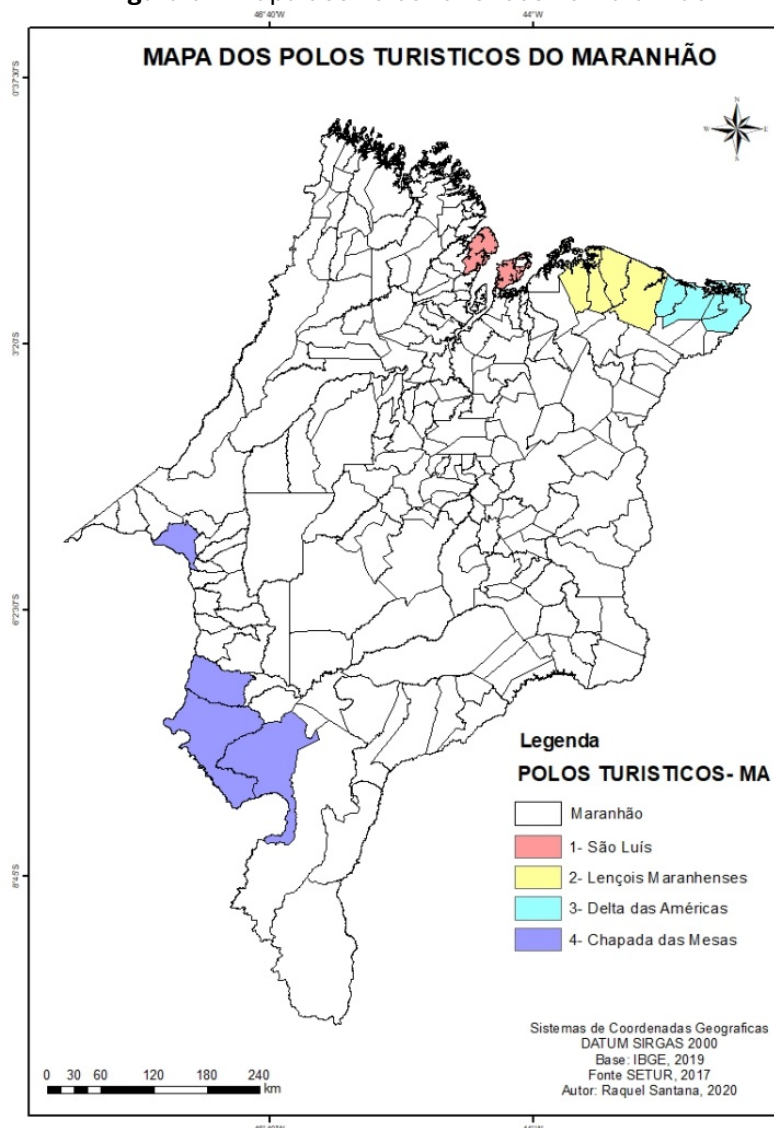
mudanças de comportamento foram impostas a partir do isolamento social e trouxeram uma série de incertezas para o futuro da atividade turística. Para atender a esse novo perfil de turistas o setor precisara inovar através de novas tecnologias e métodos, a fim de buscar novas soluções criativas para atender essa nova demanda. O retorno das atividades sociais será diferente, como um início de um novo período para o turismo, mais seguro, consciente, cauteloso quanto aos termos de segurança sanitária.

7. UMA BREVE ANÁLISE SOBRE A SARS COV-2 (COVID-19) NOS POLOS TURÍSTICOS DO MARANHÃO

A pandemia do corona vírus alterou a realidade global de viver, logo, refletiu em diversos setores e atividades econômicas, atingindo também o setor turístico. O turismo foi um dos primeiros setores a serem atingidos diretamente pela pandemia, afetando economicamente o setor, e logo todos que dele tiram sustento formalmente ou informalmente (Silva et al., 2021).

Portanto, no estado do Maranhão (região Nordeste do Brasil) não foi diferente, o estado conta com uma expressiva quantidade de polos turísticos que, em algumas vezes mantém comunidades inteiras entorno dessa atividade econômica. Além disso, o turismo como fenômeno social, se torna tão importante para os próprios viajantes, sendo este uma fonte de lazer, e até mesmo representando o descanso do trabalhador consumido por suas atividades rotineiras, ou seja, auxilia na saúde dos indivíduos, além das trocas sociais entre comunidade e visitante (Silva et al., 2021). Por tais argumentos, este tópico foi separado para discutir sobre a covid-19 em quatro polos turísticos do Maranhão (figura 01).

Figura 01: Mapa dos Polos Turísticos no Maranhão



Fonte: Secretaria de Turismo do Estado do Maranhão (SETUR – MA, 2017)

O Centro Histórico de São Luís é conhecido pela arquitetura história de cada “beco” e dos muitos casarões históricos. São 4 mil casarões, distribuídos por mais de 220 hectares, tombados como Patrimônio Mundial da Humanidade pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) desde 1997. Os casarões seculares, em sua maioria, revestidos de azulejos portugueses pintados à mão, compõe um dos mais importantes conjuntos arquitetônicos de essência portuguesa ainda preservados da América Latina (Setur, 2017). Formado pelos bairros da Praia Grande e Desterro, a região concentra hoje, museus, centros de cultura, teatros, cinema, bares, restaurantes, feiras e uma infinidade de lojas de artesanato. Estão ali também, praças, becos, escadarias, ladeiras e algumas das mais belas ruas da parte histórica da

cidade, como as Ruas Portugal e do Giz e o Largo do Comércio. O polo de São Luís compreende os municípios de Alcântara, São José de Ribamar e Raposa.

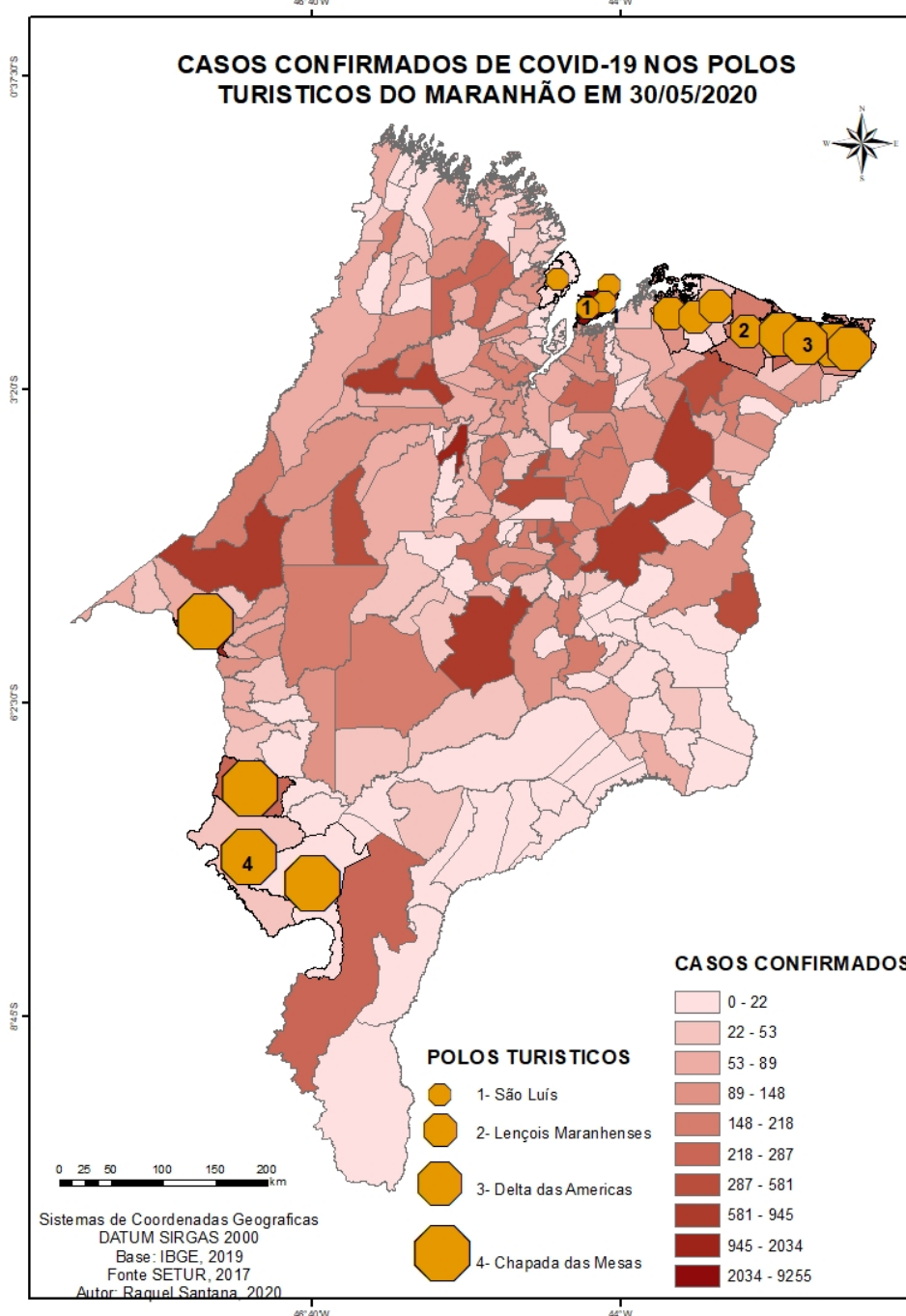
Os Lençóis Maranhenses ficam no litoral oriental do Maranhão e compreende os municípios de Humberto de Campos, Primeira Cruz, Santo Amaro e Barreirinhas, este último sendo o principal portão de entrada para esta fantástica beleza natural. Seu maior atrativo, é o Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses, às margens do Rio Preguiças. São 155 mil hectares de paisagem deslumbrantes, cheio de dunas com até 40 metros de altura e lagoas de água doce e cristalina (Setur, 2017).

Localizado a nordeste do Estado, na divisa com o Piauí, o Delta envolve a região sob influência do Delta do Rio Parnaíba, que tem setenta por cento da sua área no Maranhão. Tutóia, Paulino Neves, Água Doce do Maranhão e Araisos são os principais municípios. Deste último partem excursões turísticas para o Delta (Setur, 2017).

E por fim, criado em 2005, o Parque Nacional da Chapada das Mesas é um dos mais novos parques nacionais do Brasil. Florestas de buritizais, sertões, relevo de chapadas vermelhas, compõem um estonteante conjunto de formações rochosas, cânions, cavernas e cachoeiras. O Parque Nacional da Chapada das Mesas protege 160.046 hectares de Cerrado nos municípios de Carolina, Riachão, Estreito e Imperatriz, no centro-sul do Maranhão. (Setur, 2017).

Na Figura 02, observam-se os casos de Covid-19, os dados são referentes ao mês de maio de 2020, onde os casos estavam em ascensão. Através do mapa é possível mensurar os números de casos da doença no polos turísticos do Maranhão, e como pode-se observar, os polos com os maiores números de casos é São Luís com 9.255, sendo este a área metropolitana do estado, o que contribuiu para o espalhamento acelerado do vírus. Este polo comporta ainda Alcântara com 19 casos, São Jose de Ribamar com 713 e Raposa com 78, e outro polo expressivo quanto aos números de casos é Delta das Américas que conta com os municípios de Tutóia com 285, Paulino Neves com 85, Araisos com 128 e Água Doce do Maranhão com 34. Sendo assim, com os números em ascensão o governo não via possibilidades para o retorno da atividade no estado.

Figura 02. Mapa dos Polos Turísticos e Covid-19 no Maranhão



Fonte: Autores (2022)

Após o *lockdown* realizado no mês de maio, os números em junho começaram a ter uma pequena diminuição, e, a partir daí o governo estadual optou pela reabertura gradual do comércio, e, em julho o governo já decidiu pela flexibilização, tendo em vista que os leitos ocupados de Unidade de *Terapia Intensiva (UTI)* também diminuíram. Sendo assim, ocorreu a abertura de outras atividades não essenciais, com medidas de segurança sanitária através dos decretos elaborados. A atividade turística no Maranhão

já está sendo repensada para o retorno gradual, e a SETUR, vem oferecendo cursos para a orientação da abertura gradativa da atividade, para que atenda as medidas sanitárias necessárias, e, desde o início de julho de 2021 as atividades nos Lençóis Maranhenses e Chapada das Mesas retornaram. Dados da SETUR Maranhão apontam para a fiscalização e diálogo constante com os prestadores de serviço para a atenção quanto às normas de segurança.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

É necessário compreender qual será o papel do turismo neste novo normal, o “novo mundo”, para partindo dessa ideia traçar estratégias. A reflexão atual é incrivelmente válida, sobre qual o serviço turístico essa atividade conseguirá oferecer em uma nova roupagem de turismo, qual a forma de turismo o novo perfil de turista buscará? Quais as estratégias de segurança para o visitante e comunidade que reside no lugar? São reflexões válidas para a elaboração de novas tendências turísticas pós pandemia. Sugerem-se novos estudos que contemplem as questões supracitadas.

Pode-se afirmar que empresas ligadas diretamente ao turismo, como hotéis, pousadas, agências, operadoras, restaurantes e etc., e destinos turísticos terão a necessidade de se reinventar. Deverão pensar como poderão inovar, melhorar seus produtos e serviços. A recuperação da atividade turística dependerá de muitos fatores, tendo em vista que é uma atividade elementarmente espacial, e diretamente influenciada por características dos territórios, política entre outras dinâmicas espaciais, irá depender da reabertura de fronteiras, reativação de linhas aéreas e principalmente a sensação de segurança dos turistas sobre os mais diferentes destinos, de acordo com a incidência que tenha tido a pandemia para eles.

A recuperação do turismo acontecerá em três fases; a primeira para o turismo regional, com o uso de carro próprio, tendo em vista que as pessoas evitarão destinos populosos e grande fluxo de pessoas; em segunda fase as viagens nacionais, quando se tiver um pouco mais a sensação de estabilidade na contaminação e diminuição de casos confirmados e protocolos de higiene sanitários criados exclusivamente para esse setor; e por último as internacionais, quando provavelmente já se terá encontrado a vacina, e ainda assim estabilidade econômica, política e social entre os países, e principalmente a sensação de segurança nos mais diversos territórios. Estima-se a recuperação mais

significativa, deva ocorrer em meados de 2021, no verão do hemisfério norte, quando as pessoas se sentirem mais seguras para viajar.

No primeiro momento logo após o isolamento, ganham destaque os destinos sem turismo de massa, com atrativos e atividades com exclusividade para pequenos grupos e pequenos hotéis. Além disso, conforme apresentaram as pesquisas, os segmentos turísticos, que estarão em alta serão os de pequenas escalas, como o turismo rural, de natureza, bem-estar, ecoturismo, de aventura, e turismo gastronômico.

Tendo em vista a exposição de estudos e tendências do turismo no mundo pós pandemia, é extremamente importante a reinvenção do turismo, principalmente voltado ao planejamento do território, voltado a protocolos de segurança sanitária, para assegurar a segurança de saúde pública. É necessário o retorno do turismo a fim de beneficiar não só o viajante, mas toda a comunidade inserida no lugar, pois para além dos benefícios econômicos, a atividade turística representa a conexão entre territórios, relações políticas e trocas socioculturais.

9. REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Cláudia Ribeiro de; IBIAPINA, Cássio da Cunha; CHAMPS, Natália Silva; TOLEDO JUNIOR, Antonio Carlos Castro de; PICININ, Isabela Furtado de Mendonça. Gripe aviária: a ameaça do século XXI. **Jornal Brasileiro de Pneumologia**, v. 35, n. 5, maio, 2009.
- BARATA, Rita Barradas. **Cem anos de endemias e epidemias**. FCM. São Paulo, 2000.
- BARBOSA, José W. de Queiroz. Segmentação turística: conceitos e realidades. **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**. v.18, n. 2826, 2024.
- BARBOSA, Ycarim Melgaço. **História das viagens e do turismo**. São Paulo: Aeph, 2002.
- BARROS, Fabrizio da Costa; FREITAS, Lara Brunelle Almeida; SILVA, Priscila Daniel de Paiva Gama; MARUYAMA, Úrsula. Análise de práticas e recursos aplicados ao ensino remoto de geografia. In: **Anais do Simpósio de Engenharia, Gestão e Inovação**. Juazeiro do Norte (CE) URCA, 2021. DOI: 10.29327/sengi2021.342084. Disponível em: <<https://www.even3.com.br/anais/sengi2021/342084-ANALISE-DE-PRATICAS-E-RECURSOS-APLICADOS-AO-ENSINO-REMOTO-DE-GEOGRAFIA>>. Acesso em: 15 nov. 2021.
- BENI, Mario Carlos; MOESCH, Marutscka. A teoria da complexidade e o ecossistema do turismo. **Turismo-Visão e Ação**, v. 19, n. 3, p. 430-457, 2017.
- CAMARGO, O. L. C. **O que é lazer?** São Paulo: Brasiliense, 1999.

CARVALHO, André Roncaglia; SOUZA, Luciana Rosa; GONÇALVES, Solange Ledi; ALMEIDA, Eloiza Regina Ferreira. Vulnerabilidade social e crise sanitária no Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 37, p. e00071721, 2021.

CRUZ, Rita de Cássia Ariza. **Introdução à geografia do turismo**. São Paulo: Roca, 2001.

CRUZ, Rita de Cássia Ariza. **Política de turismo e território**. São Paulo: Contexto, 2002.

Fundação Getúlio Vargas. FGV. **Impacto econômico do Covid-19**, Propostas para o Turismo Brasileiro. 2020

FONTOURA, Leandro Martins. ANDRADE, Sabrina de Assis. Turismo e geografia: O Planejamento Territorial do Turismo. II Fórum Internacional De Turismo Do Iguassu 25 a 28 de junho de 2008 Foz do Iguaçu – Paraná – Brasil. **Anais...** 2008.

FRATUCCI, A.C. Turismo e território: relações e complexidades. **Caderno Virtual de Turismo**. Edição especial: Hospitalidade e políticas públicas em turismo. Rio de Janeiro, v. 14, supl.1, s.87-s.96, nov. 2014.

FURTADO, Laura Isabel. **Introdução ao turismo no Brasil**. Rio de Janeiro: Infobook, 2000.

HAESBAERT, Rogerio. Território e multiterritorialidade: um debate. **GEOgraphia**, v. 9, n. 17, p. 19-46, 2007.

KNAFOU, R. Turismo e território: por uma abordagem científica do turismo. IN: RODRIGUES, A. (Org). **Turismo e Geografia: Referenciais teóricos e enfoques regionais**. Ed. Hucitec, São Paulo, 1999.

MENDES FILHO, Luiz et al. Aplicativos móveis e turismo: um estudo quantitativo aplicando a Teoria do Comportamento Planejado. **Rosa dos Ventos**, v. 9, n. 2, p. 179-199, 2017.

Núcleo Geoambiental da Universidade Estadual do Maranhão. **NUGEO- UEMA**. Disponível em: <<https://www.nugeo.uema.br/?p=11028>>. Acesso em: 24 jul. 2020.

OLIVEIRA, E. de S.; MORAIS, A. C. L. N. de. COVID-19: uma pandemia que alerta à população. **InterAmerican Journal of Medicine and Health**, v. 3, p. 1 – 7, 2020.

ONU TURISMO. **Who we are**. 2025. Disponível em: <<https://www.unwto.org/how-we-are>>. Acesso em: 14 jul. 2025.

POGGI, Marta. **Turismo Pós Covid-19: insights para empresas e destinos**. Strategia Consultoria Turística Ltda. 2020.

RAFFESTIN, Claude. **O que é o território?** In: Por uma Geografia do Poder. São Paulo: Ática, 1993. pp.144-220.

ROEDER, Fabiana; CARDOSO, Fernando Eduardo; BUSARELLO, Mônica Tatiana Bunese. **Situação atual e futuro do turismo causado pelo COVID-19**. Disponível em: <http://www.uniasselvi.com.br/extranet/o-2.0/download/arqu_download.php?link=249757>. Acesso em: 09 ago. 2020.

SALGADO, Hebert Canela; PAIVA, Julia Boroni de; SOUZA, Iolanda Benfica Blaso de; SILVA, Higor Alfredo Damaso da. Impactos da covid-19 no setor de viagens e turismo: perspectivas do Observatório de Turismo de Minas Gerais. *Revista Turismo & Cidades*. v. 2, edição especial, p.29-49, 2020.

SANCHEZ, Joan-Eugeni. **Espacio, economia y sociedad**. Espanha: Siglo Veintiuno, 1991, pp. 216-248.

SANTOS, Milton. **Por uma geografia nova**. São Paulo: Hucitec, Edusp, 1978.

SANTOS, Milton. **Território globalização e fragmentação**. São Paulo: Hucitec, 1994.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço – Técnica e tempo**. Razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 1996.

SAQUET, Marcos Aurelio. SILVA, Sueli Santos da. MILTON SANTOS: concepções de geografia, espaço e território. **Geo UERJ** - Ano 10, v.2, n.18, 2º semestre de 2008. P. 24-42

Secretaria de Turismo do Estado do *Maranhão*. *SETUR – MA*. Disponível em: <<http://www.turismo.ma.gov.br/>>. Acesso em: 25 jul. 2020.

SILVA, Carlos Henrique Costa da. O turismo e a produção do espaço: perfil geográfico de uma prática Socioespacial. **Revista Geografia Ensino & Pesquisa**, v. 16, n. 2, maio/ ago. 2012.

SILVA, Gisele Polanski França; SANTOS, Jackson Sousa; SANTOS, Saulo Ribeiro; FREITAS, Lara Brunelle Almeida. Turismo e o contexto pandêmico: análise sobre os tours virtuais nas redes sociais oficiais do destino turístico Maranhão (Brasil). **RITUR-Revista Iberoamericana de Turismo**, v. 11, n. 1, p. 223-238, 2021.

SILVA Jaqueline Santa Rosa da; SILVA Samira Gama. **Breve histórico do turismo e uma discussão sobre a atividade no Brasil**. AEMS. 2012

THEOBALD, William F. (Org.). **Turismo global**. 2. Ed. São Paulo: SENAC, 2002.

WTTC - World Travel & Tourism Council. **Economic impact Reports. Regions**. 2021. Disponível em: < <https://wttc.org/Research/Economic-Impact>>. Acesso em: 10 ago. 2021.

TOURISM, TERRITORY AND HEALTH CRISES: A CONCEPTUAL ANALYSIS AND ITS REFLECTION IN THE STATE OF MARANHÃO

Abstract

Tourism as a field of study is relatively recent, and one of the most important discoveries for geography. From tourism studies in the geographical perspective, it is possible to relate tourism as an activity and social phenomenon with geographical concepts and methods, which enrich the development and planning of the activity. This article aimed to relate a geographical concept, the territory with the tourist activity developed in these spaces, and to characterize how the tourist activity behaved in the face of health crises at the Maranhão touristic area. To support the discussion on Geography, some important references were the works of Claude Raffestin (1993), Milton Santos (1978; 1994; 1996), Rita de Cássia Ariza Cruz (2001; 2002) and Rogério Haesbaert (2007). The results lead to the need for changes in tourism, mainly aimed at planning the territory and increasing health security protocols.

Keywords: Territory. Tourism. Geography.

TURISMO, TERRITORIO Y CRISIS SANITARIAS: UN ANÁLISIS CONCEPTUAL Y SU REFLEXIÓN EN EL ESTADO DE MARANHÃO

Resumen

El turismo como campo de estudio es relativamente reciente y uno de los descubrimientos más importantes de la Geografía. Desde una perspectiva geográfica, los estudios turísticos pueden relacionar el turismo como actividad y fenómeno social con conceptos y métodos geográficos, lo que conduce a un proceso de desarrollo y planificación de la actividad. Desde esta perspectiva, el objetivo es vincular el concepto geográfico de territorio con la actividad turística y su comportamiento ante las crisis sanitarias y los polos turísticos en Maranhão. Para apoyar el debate sobre geografía, se citaron como referencias importantes los trabajos de Claude Raffestin (1993), Milton Santos (1978; 1994; 1996), Rita de Cássia Ariza Cruz (2001; 2002) y Rogério Haesbaert (2007). Los resultados apuntan a la necesidad de cambios en el turismo, centrados principalmente en la planificación territorial y el fortalecimiento de los protocolos de seguridad sanitaria.

Palabras clave: Territorio; Turismo; Geografía

Recebido em: 04/01/2022

Aceito em: 26/07/2025